



I RUA TEODORO SAMPAIO : conectando a cidade

18SHCU

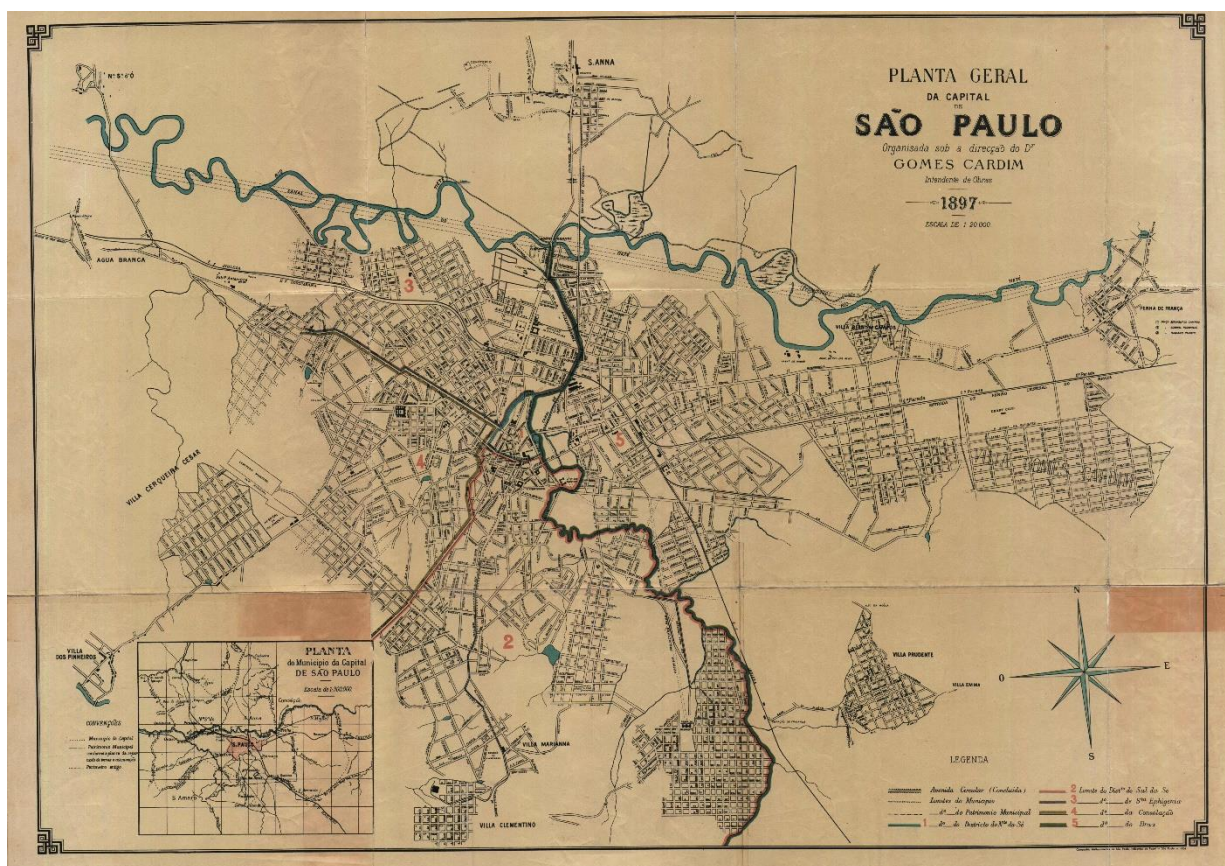
Ana Lucia Duarte Lanna

TRAJETORIA DE ARRABALDE A BAIRRO: conexão das diferenças

Desde o século XVI encontramos registros de ocupação dos colonizadores europeus na região do vale do Rio Pinheiros. Igreja e aldeamento foram ali edificadas, como em outros lugares do que hoje é a cidade de São Paulo, como parte das atividades de evangelização e catequização realizadas pelos jesuítas e que configuraram muitos dos aspectos da dominação colonial portuguesa nas Américas. Índios, igreja e caminhos ocuparam durante séculos a beira do rio com suas extensas várzeas inundáveis. Deste movimento inicial, quando as formas de ocupação do lugar e construção da cidade começavam a se alterar no século XIX, restavam ruínas da igreja e um esparso casario. Mas a longa ocupação deixou marcas duradouras, como por exemplo um traçado urbano repleto de irregularidades: quadras, ruas e curvas que indicam uma presença urbana anterior a ideia de loteamentos, planos e projetos lineares. Ou ainda, a existência de um largo, organização do espaço tipicamente urbana, em um local de marcada fisionomia rural. As instigantes conexões rural/urbano também se materializam na presença de um largo religioso, em sua origem, que apesar da

permanente presença da igreja, é nomeado com o nome de uma leguminosa: a batata - reiterando através das atividades comerciais estas conexões.

Os mapas de São Paulo, a partir de 1897, indicam a existência de ruas misturadas a caminhos. A Theodoro Sampaio era compreendida, na região de Pinheiros, como continuidade do caminho de Sorocaba ou Cotia. Mas também era entendida como extensão da urbanidade relacionada à avenida Paulista na região de Cerqueira César.



PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO, 1897.

O início do século XX viu aparecerem elementos que indicavam de forma inequívoca o espraiamento da cidade de São Paulo, moderna, pujante, estrangeira. Novos comércios como padarias, sapatarias e alfaiatarias, muitos novos botequins. Lojas de móveis, olarias, ferrarias e serrarias indicavam o uso de novos materiais na construção da cidade, fomentando gostos e elementos

de distinção, diversos de lambrequins e rótulas praticamente inexistentes naquele lugar.

As atividades econômicas registradas ao longo da rua, as diversas petições de moradores demandando melhoramentos urbanos para a região e os acontecimentos cotidianos retratados na imprensa explicitam, além das intensas conexões entre o que chamaríamos de mundo rural e urbano, diversidades urbanas articuladas em torno de uma mesma rua, a Theodoro Sampaio. As diferenças entre estes universos constituem fronteiras porosas, expressas no cotidiano. Fronteiras reconhecíveis, mas mescladas pelas práticas e materialidades.

As noções de cidade, subúrbio, povoação e campo indicavam diferenças entre os espaços urbanos. Mas a predominância de informações sobre a instalação de equipamentos e melhoramentos urbanos que predominam nos jornais até os anos 1910 expressam também percursos que tendiam a superar estas diferenças, constituindo a cidade moderna¹. A implantação de melhoramentos, de instituições a equipamentos públicos, foi estratégia política e urbanística, que buscava diluir as diferenças apontadas (BRESCIANI, 2001).

A progressiva mudança na configuração da região e bairros atravessados pela rua Teodoro Sampaio, é reconhecível pela presença destes melhoramentos urbanos, equipamentos e serviços públicos. A linha de bonde ligando Pinheiros ao centro de São Paulo, através da rua Teodoro Sampaio, principal artéria de comunicação daquele tempo, iniciou suas operações em 1904. Esta linha passava pelo cemitério do Araçá e chegava até o cruzamento da Rua Teodoro Sampaio com a Rua Capote Valente, em Cerqueira César. O Largo de Pinheiros foi contemplado com linha de bonde somente em 1909, após drenagem e aterro de toda a área entre os dois pontos. Não apenas o bonde, mas a

¹ Realizamos pesquisa na Hemeroteca Digital Brasileira em todos os jornais publicados em São Paulo entre 1870 e 1940, tendo como palavra de busca Rua Theodoro Sampaio e/ou Rua Teodoro Sampaio. As notícias localizadas até os anos 1910 referiam-se quase exclusivamente a demandas e/ou ações da municipalidade relacionadas à equipamentos e melhoramentos urbanos. Após estes anos predominam informações sobre usos da rua tais como acidentes, crimes, movimento imobiliário, festas, etc

presença dos carros também era marcante na região, fosse no trânsito cotidiano fosse no uso das ruas com a realização de corridas e disputas que ocupavam, em datas específicas e festivas, as principais artérias de circulação. Para além deles as carroças, ainda movidas a cavalos e burros, transitavam intensamente pela rua, transportando materiais de construção, itens alimentares e realizando uma miríade de serviços.

A pluralidade de meios de locomoção era percebida pelos moradores de São Paulo daqueles tempos como indicadores das mudanças pelas quais passava a cidade. As notícias cotidianas nos permitem entrever as convivências entre as diferentes modalidades de deslocamento urbano e, através delas, de mercadorias e pessoas circulando e configurando um burburinho urbano de todo novo. As regiões de Pinheiros e Cerqueira César, atravessadas pela nossa rua, participavam ativamente destes processos urbanos.

Em 28 de abril de 1918 o jornal *O Correio Paulistano* noticiava que

Alfredo Barbosa de Souza, empregado da Padaria Pinheirense, no bairro de Pinheiros, conduzia ontem às 5,30hs, mais ou menos, uma carrocinha de pão com destino à cidade. Em direção contrária dirigia-se para aquele bairro um bonde e, como a neblina estivesse muito intensa nas proximidades da várzea o motorneiro não viu o veículo, atirando o bonde de encontro a ele. Acontece que na frente do carrinho de pão ia uma carroça de areia que também foi abalroada e atirada à distância.” (*Correio Paulistano*, 1918, ed 19686)

O acidente revela este intenso e variado movimento na Rua Teodoro Sampaio que já se configurava como um eixo de conexão da cidade com seus arrabaldes, com seu rio. O acidente registrava o movimento de expansão da cidade indicando que a área central e os primeiros bairros que a circundaram já não correspondiam, naquele momento, aos espaços considerados urbanos. Também consolidava a nova dualidade que se instaurara entre centro e bairro, na qual desapareciam campos, subúrbios e povoação como expressões a designarem esta região da cidade.

O que transitava pela rua dizia respeito às muitas formas de constituir a cidade. Comércio de alimentos, insumos de construção, trabalhadores, separação entre locais de moradia e trabalho, distâncias difíceis de serem percorridas no ritmo do pedestre.

Nada era exclusivo, a modernidade na cidade operava por superposições e não por substituições. Ruidosa, a rua indicava a existência de muitas temporalidades e práticas.

Foi rápida a transformação do caminho, que conectava regiões do estado em rua reta, sua ocupação, trânsito e fluxos. Mas transformar a rua em ligação direta entre a várzea do rio e o cume da Paulista, incorporando áreas ocupadas e desocupadas, largos, várzeas e matas com igrejas, aldeias, casario em geral destinado aos setores médios, e introduzindo nova tipologia na cidade: as casas em série, não significou a configuração de uma rua homogênea.

Três endereços da rua Theodoro Sampaio nos ajudam a pontuar esta diversidade conectada pela rua: uma instituição de ensino, a Faculdade de Medicina; um local de lazer das elites que configurava ao seu redor práticas populares de diversão como futebol e botequins: a Sociedade Hípica; e um local de comércio que articulava caminhos, cidades, universo rural, o rio: o Largo da Batata. Vejamos.

O LARGO DA BATATA

A presença de um pouso de tropeiros reforçava as conexões rurais, sobretudo no comércio de alimentos. As olarias, atividades localizadas nas franjas da cidade, e a ocupação das várzeas dos rios por campos de futebol mostravam facetas da construção do lugar. Apesar das olarias terem sido, em 1913, proibidas de existir junto às margens urbanizadas dos grandes rios, elas persistiam em Pinheiros.

Ainda não havia mercado. Este espaço moderno construído para trocas alimentares na cidade foi inaugurado em 1910. Localizado no que hoje

chamamos Largo da Batata, em frente a Igreja, o mercado ocupava, com suas dezenas de boxes, espaço muito maior do que a atual edificação inaugurada em 1971.

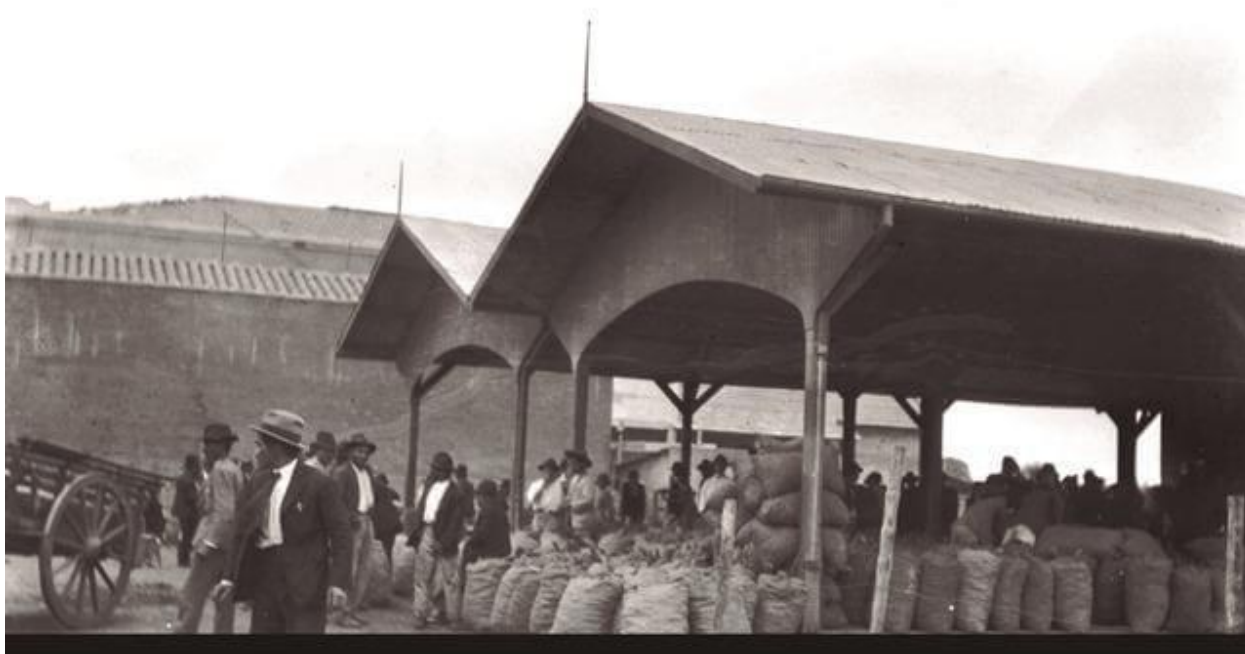


Imagem: Mercado, 1910. Fonte: Gazeta de Pinheiros. Disponível em: <https://www.gazetadepinheiros.com.br/wp-content/uploads/2018/08/Pinheiros-458-2.jpg>

Naqueles anos iniciais do século XX, funcionava como importante entreposto onde agricultores das regiões vizinhas a capital vinham comercializar seus produtos. Era um espaço que abrigava tanto comércio atacadista e varejo de legumes e verduras, animais vivos e mortos. O mercado atendia uma área da cidade muito mais vasta que o bairro. Apesar de sua importância no abastecimento da capital e do intenso movimento comercial, usuários denunciavam suas precárias condições higiênicas assim como a má qualidade dos produtos vendidos a varejo. Em setembro de 1928, em crônica publicada no jornal *Diário da Noite*, um cidadão descreveu seu contato com o local. o bonde 29..., que chamam de “camarão”, mas que é na verdade, um barril de sardinhas prensadas. Bancos repletos e mais de 30 passageiros em pé. Cestas de verduras, caixas de ferramentas e bem na entrada tres bojudas trouxas de

roupa suja. Desasseio geral.....Chegando a Pinheiros, pedi que me informassem onde era o Mercado. Eu estava em frente a um grande cercado de arame farpado com um pequeno rancho no centro, caminhões e cargueiro, etc....Nunca vi um mercado assim. Conheço lugares antigos pobres do Brasil, mas o que via em Pinheiros parecia-me depósito de animais e tropas, nunca um mercado. Entrei. Que gente. Maltrapilhos, rotos, descalços e doentes em geral. O cimento de tal rancho estava muito sujo e, entretanto, nele foram lançados, sem um forro sequer, batata, verduras, queijos, fumo, rapaduras, etc (apud REALE, 1982, p. 74/75).

Mas o comércio, desde a inauguração do mercado, adensava-se a seu redor e ao longo das ruas Theodoro Sampaio e Butantã, então chamada de Rua do Comércio. Um dos primeiros negociantes do bairro, João Antonio de Moraes, tinha seu negócio nesta última rua, onde também residia. Ao redor do mercado seria, ao longo dos anos, cada vez mais expressiva a presença dos japoneses. Estes imigrantes que chegaram em massa em São Paulo a partir de 1908, eram importantes fornecedores de produtos agrícolas para a capital que se expandia. Os hábitos alimentares paulistanos já demandavam naqueles anos 1920/1930 produtos que tinham sido introduzidos por outros estrangeiros, sobretudo italianos, portugueses e espanhóis, e que romperam com a quase exclusividade do feijão, couve e mandioca que configuraram o regime alimentar paulista até finais do século XIX. Significativo que o local seja nomeado com uma referência a batata, item novo na nova dieta alimentar paulistana e ausente da dieta originária dos japoneses, seus produtores em São Paulo.

A presença do mercado e dos japoneses era recente, mas gradualmente sobrepujavam a centralidade da Igreja. Localizados no mesmo largo, com o passar do tempo, designaram suas diferenças. O espaço do mercado se consolidará como Largo da Batata; o da Igreja se transformará no Largo de Pinheiros. Mas no início do século XX a sua presença e as atividades a ela vinculadas tais quais missas, enterros, procissões e festas ainda marcavam as sociabilidades. As festas juninas mobilizavam a população local e os estudantes

de direito. Estes compareciam montando seus cavalos e animavam a festa que incluía a lavagem da imagem sagrada nas águas do rio Pinheiros. Apesar de sua importância nas devoções locais e sua reconstrução em 1914, patrocinada pelos devotos, a Igreja não configurou de forma decisiva os novos modos de usar, ocupar e nomear a antiga região.

CERQUEIRA CESAR E A FACULDADE DE MEDICINA

O cume da Rua Theodoro Sampaio, 800 metros acima da várzea do rio onde se constituía o bairro de Pinheiros, era marcado por ocupação bastante diversa daquela preponderante na região do Largo da Batata.

No alto do espigão da Paulista ficavam localizados três cemitérios. Em finais do século XIX indicavam limites urbanizados da cidade, dando sentido às distinções entre subúrbio e povoação destacadas no início deste texto. Em início do XX, a avenida então chamada Municipal receberá calçamento, combustores de gás para iluminação pública, linhas de bonde conectando-se com a expansão suntuosa da Avenida Paulista. Aqui não teremos os palacetes mas projetos de instalação de um conjunto de edifícios públicos, todos relacionados a área da saúde: o Hospital do Isolamento (atual Emílio Ribas), o Hospital das Clínicas e a Faculdade de Medicina e o Instituto de Higiene (atual Faculdade de Saúde Pública)². O projeto de criação do curso de medicina em São Paulo datava de 1891, mas as primeiras aulas foram ministradas apenas em 1913. Apenas em 1920 foi lançada a pedra fundamental do edifício na atual avenida Dr. Arnaldo, em frente ao cemitério do Araçá, que havia sido inaugurado em 1887. A construção da faculdade iniciou-se em 1928, sendo concluída em 1931.

² Estes edifícios hoje abrigam faculdades que integram a Universidade de São Paulo



Imagem: Construção da Faculdade de Medicina, 1929. Fonte: Revista Espaço Aberto, disponível em: <http://espaber.uspnet.usp.br/espaber/wp-content/uploads/2012/02/conhe%C3%A7a-Acervo-FM.jpg>

A Fundação Rockefeller apoiou financeiramente o projeto e definiu o projeto acadêmico da Faculdade de Medicina. Cemitério e Faculdade marcavam a ocupação de uma nova área da cidade e respondiam, em ambos os casos, a demandas dos estrangeiros, sobretudo italianos, que compunham a maior parte da população da capital (MARINHO e MOTA, 2014). Sem lugar no tradicional cemitério da rua da Consolação e pouco aceitos nos bancos da tradicional Faculdade de Direito, os estrangeiros buscavam instituições similares, e simultaneamente distintas, àquelas que estabeleciam as instâncias de pertencimento das elites paulistas. Assim o eixo Avenida Paulista/Avenida Municipal configurou espaço para a visibilidade, reconhecimento e inserção social dos grupos estrangeiros endinheirados da cidade. (MARINS, 2019). Além dos estrangeiros as novas construções trouxeram para a região os estudantes. Desde inícios do século XIX a cidade convivia com este grupo social que ao mesmo tempo era valorizado, indicando qualidades da cidade, mas que eram

também associados a farras, balbúrdias e pequenas transgressões. Em 1928 foi proferida a primeira aula inaugural do curso de Hygiene, na Faculdade de Medicina, ainda não totalmente concluída. No mesmo ano os estudantes da Faculdade apareciam nas notícias do *Correio Paulistano* pois teriam assaltado um bonde, forçado sua entrada no veículo e agredido o condutor (Diário Nacional, 1928, ed 00273). Este tipo de agitação era desconhecido desta região da cidade, apesar de frequente na área central.

Se retornarmos à região de Cerqueira César, veremos que tal qual a Alameda Santos apresentada por Zélia Gatai em *Anarquistas Graças a Deus*, a Rua Theodoro Sampaio abrigava grupos urbanos que não integravam nem as elites (nacionais ou estrangeiras) nem configuravam-se maciçamente como operários ou pauperizados. A rua e seu entorno revelava uma profusão e variedade de ocupações, profissões e ofícios. Eram casas de aluguel como a que construiu o empreiteiro José Vitrone em 1920 entre as ruas Oscar Freire e Capote Valente; casas próprias que eram também escritórios e lugares secundários de trabalho como a do dentista Anibal Monteiro que tinha consultório na Praça da Sé mas também atendia em sua casa localizada entre as ruas Alves Guimarães e Cristiano Viana. Na mesma quadra morava em uma casa de cômodos a alemã Maria Capriva de 35 anos que fora agredida por Rafael de Campos, seu vizinho. Os jornais informavam que Rafael era pardo e tinha histórico de agressão a mulheres.³ No quarteirão acima, mais próximo do cemitério moravam o engenheiro Adolpho Rodrigues e o chauffeur de taxi Lázaro Mello Campos. Deviam abastecer parte de suas necessidades no armazém de secos e molhados de Atílio Nascimento. O comerciante morava no mesmo endereço de seu armazém. Casas geminadas, casas em série, vilas, casas isoladas no lotes. Casas descritas como portadoras dos símbolos de conforto da modernidade como a

³ A agressão a mulheres era uma constante. Dias antes da agressão a Maria Capriva, ocorrera na mesma rua, o assassinato de uma mulher por seu companheiro. O jornal *Diário da Noite*, em sua edição 00692 trazia manchete de capa com o título Crime como solução para desavenças conjugais mostrando que além do assassinato na Theodoro haviam ocorrido na mesma noite outros 2 crimes, sendo um deles na Rua José Bonifácio, área nobre paulistana.

anunciada para aluguel ou venda, localizada na esquina da rua Capote Valente. Engenheiros, pedreiros, negociantes de pequeno e grande porte, prestadores de serviço ocupavam os imóveis que iam preenchendo a rua. Seus nomes indicavam uma mistura que caracterizava a cidade e marcava muitos de seus confrontos.

Também nesta parte da rua estavam localizados os salões de baile e demais ambientes que promoviam festas que iam desde bailes carnavalescos, lutas de jiu-jitsu, festas de casamentos, bailes com bandas, festas dos times de futebol e associações esportivas que tinham suas áreas esportivas nos terrenos ainda não ocupados, muitas vezes insalubres, localizados em Pinheiros, ou seja, abaixo da Pedroso de Moraes.

A SOCIEDADE HIPICA

Entre a Faculdade de Medicina e os Largos da Batata e Pinheiros havia uma terceira grande edificação: a Sociedade Hípica Paulista. Localizada entre as ruas Artur de Azevedo, Theodoro Sampaio, Mourato Coelho e Pedroso de Moraes em terreno de 70.000 m², foi inaugurada em 1921.



Sede da Sociedade Hípica Paulista década de 20. Fonte: REALE, Abe. Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos. São Paulo: Pioneira/Edusp 1982.

A sede contava com campo para prática de pólo, pista de corridas, cavalariças que acolhiam até 90 animais, depósitos para forragens, casas de empregados e um pavilhão de festas. A edificação, apesar do "estilo colonial", explicitava, através de atividades esportivas e sociais, os novos tempos que transformavam a sociedade paulistana. Como afirma Nicolau Sevcenko, ao analisar São Paulo nos anos 1920, "a democratização do acesso à música, a proliferação dos bailes e ambientes de dança pagos"...a proliferação de clubes desportivos e de futebol" assinalavam, de forma irreversível, as transformações que atingiam a cidade (SEVCENKO, 1992, pp 89-90).

Na Sociedade Hípica associavam-se dança, esportes, velocidade revelando os corpos sensualizados da modernidade. Foi demolida nos anos 1940, ao final do nosso período de estudo. No seu lugar foram construídos predinhos de 3 pavimentos, muitos deles ainda presentes na cidade mostrando um modelo de especulação imobiliária destinado aos setores médios.

Mas, no período estudado neste artigo, a intensificação da ocupação da rua, a partir dos anos 1910 foi marcada pela construção das casas em série (GENARI, 2005). Essa ocupação definiu a forma urbana como artéria linear cercada por ruas e ruelas, vilas e casas em série destinadas à população que constituía os amplos e diversificados setores médios urbanos.

Nestes lugares, as conexões indicadas pela atuação da Light, a linearidade da rua, seus acidentes e usos, moradores e transeuntes nos mostram uma cidade que crescia não de forma linear. Não se tratava de um espraiamento a partir da área central da cidade. mas do estabelecimento de anexações de áreas e regiões que estavam ocupadas há séculos. Conexões que estavam preenchidas por áreas não edificadas, ou vazias do ponto de vista explicativo da cidade moderna. Conexões que aproximavam rural e urbano transformando ambos em cidade. Conexões que alteravam os sentidos dos bosques, matas, ruas, esquinas, e tudo o que constituía este espaço.

Portanto, apesar de seu traçado retilíneo percorrendo aproximadamente 3 km, a Rua Theodoro Sampaio atravessava e conectava bairros, equipamentos de comércio, lazer e ensino e abrigava uma multiplicidade de grupos étnicos, profissões e ofícios e modos de morar. A aparente homogeneidade expressa no nome da rua encobria fronteiras. Em 1928 o *Diário Nacional* publicou matéria intitulada "Pinheiros completamente abandonado pela Prefeitura". O texto começava com a pergunta: Existirá mesmo Pinheiros? E seu autor explicita, de forma contundente, as fronteiras conectadas pela rua.

Pinheiros não termina na Hípica, a bela sociedade que cultiva a equitação. Não Pinheiros não termina na Hípica. O que ali termina é o serviço de canalização de águas e esgotos. Para lá existe ainda o bairro, sem água, sem luz, com os córregos podres, as ruas sem calçamento e um mercado que não vende para o povo, somente para os negociantes. (Diário Nacional, 1928, ed 00245(1))

Sua ocupação sinalizava a modernidade que se construía na cidade nas décadas iniciais do século XX. Cinemas, farmácias, armazéns e botequins; bondes, carros e carroças; casas em série, casas de cômodos, casas isoladas no lote configurando uma horizontalidade altamente adensada. Nem parques, nem praças, nem jardins mas ainda bosques, rios e largos.

Estes espaços, diversos em seus processos de construção, plurais nos seus usos e formas de ocupação eram feitos e transformados por pessoas também plurais, seja em suas origens étnicas, nacionais e ocupacionais. Conviviam múltiplos grupos e segmentos sociais. Os extremos da riqueza e da pobreza urbana eram, naquele espaço, minoritários. Prevalesciam as marcas dos complexos e difusos setores médios. As residências, lazeres e serviços eram ocupados por Maria Ignácia, José Boccato, Fortunata, Adolph Herman, Salvador de Tal, Manoel Figueiredo, Paulo e Colomba Morelli, Manoel e Francisca Rodrigues, Maria Capriva e mais tarde Kazuo, Shimomoto e tantos outros, quase anônimos, que faziam a cidade.

Referencias Bibliográficas

- BACELAR, Jeferson Resenha A história da Companhia Negra de Revistas (1926-1927). Revista de Antropologia, 2007 https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012007000100012
- BRESCIANI, Stella. Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950). In: BRESCIANI, Stella (org.). Palavras da cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 343-366
- CONCEIÇÃO, Silvano da. Imigração e casamentos: o caso de São Carlos (1890 a 1939). Mestrado, Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCAR, 2004
- CANOVAS, Marília. Imigrantes espanhóis na Paulicéia. São Paulo, EDUSP, 2009
- CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem guerra. São Paulo, EDUSP/Geração Editorial, 2000
- DAECTO, Marisa M. Comércio e vida urbana em São Paulo. São Paulo, SENAC, 2002
- GENARI, Luciana A. As casas em série do Brás e da Mooca: um aspecto da constituição da cidade de São Paulo. Mestrado, FAUUSP, 2005
- MARINHO, Maria Gabriela S. M. C. , André Mota(org) Medicina, Saúde e História: textos escolhidos e outros ensaios. São Paulo, Faculdade Medicina, 2014
- MARINS, Paulo César Garcez "Cem anos de imigração japonesa no Brasil: horizontes de convivência" in Catálogo da Exposição comemorativa do Centenário da Imigração Japonesa O Japão em cada um de nós. São Paulo, maio de 2008
- MARINS, Paulo César Garcez. São Paulo Avenida Paulista elites em disputa" in: PEIXOTO, Fernanda e GORELIK, Adrian (org). Cidades Arenas Culturais. São Paulo, SESC, 2019
- MELLO, Joana, BERESIN, Pedro et al. Residência Franco de Mello em três tempos: da domesticidade belle époque ao Centro de Cultura, Memória e Estudos da Diversidade Sexual do Estado de São Paulo Revista CPC 20 <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v0i20p36-77>
- MONSMA, Karl , TRUZZI, Oswaldo, Silvia Keller Villas Bôas "Entre a paixão e a família: casamentos interétnicos de jovens italianos no oeste paulista, 1890-1914 <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/1329/1293> acesso 30/05/2020
- PETRONE, Pasquale. Pinheiros estudo geográfico de um bairro paulistano. São Paulo, EDUSP, 1963
- REALE, Ebe. Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, ares mundos. São Paulo, Pioneira/EDUSP, 1982
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral. Habitação e cidade, São Paulo, FAU/FAPESP, 1998
- SIMÕES, Inimá. Salas de cinema em São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, 1990
- SEVCENKO, Nicolau . Orfeu extático na metrópole São Paulo, Companhia das Letras, 1992
- SILVA, Zélia Lopes da A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História* [en línea]. 2012, 16(), 37-68[fecha de Consulta 20 de Julio de 2020]. ISSN: 1415-9945. Disponible en:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526888003>
<https://www.redalyc.org/pdf/3055/305526888003.pdf>

FONTES

Jornais

A Gazeta

Correio Paulistano

Diário da Noite

O Combate

O Comércio de São Paulo

A Cigarra

Obras Particulares

ISS

Anuário Estatístico 1912